



ASPECTOS NARRATIVOS NA OBRA DE CLARICE LISPECTOR, *A HORA DA ESTRELA*: ABORDAGENS TEÓRICAS CONTEMPORÂNEAS

NARRATIVE ASPECTS IN CLARICE LISPECTOR'S A HORA DA ESTRELA: CONTEMPORARY THEORETICAL APPROACHES

Sebastião Gonçalves Dias¹

RESUMO – Este trabalho tem como objetivo abordar aspectos da narrativa contemporânea na obra *A hora da estrela*, da escritora Clarice Lispector. No texto, trataremos de elementos da narrativa, tais como: personagens, narrador, tempo e espaço social. Essa abordagem será feita por intermédio de teóricos que discutem a contemporaneidade e a modernidade. *A hora da estrela* conta a história de uma personagem visivelmente impotente diante dos desafios da vida, introspectiva e subjacente. A narração da obra é feita com doses de humor ácido e envolve sentimentos entre narrador e personagem, estabelecendo uma relação de intimidade entre os dois, o que coloca o leitor em dualidade sentimental. A busca por uma resposta universal diante das intempéries da vida leva o leitor a procurar respostas para a personagem Macabéa. A discussão se estende ao analisar a construção

mimética da narrativa e seus aspectos contemporâneos.

PALAVRAS-CHAVE

– Contemporaneidade; aspectos narrativos; modernidade.

ABSTRACT – This paper aims to discuss aspects of contemporary narrative in Clarice Lispector's *A hora da estrela*. The text will examine narrative elements such as characters, narrator, time, and social space. This approach will be based on theorists who discuss contemporaneity and modernity. *A hora da estrela* tells the story of a character who is visibly powerless in the face of life's challenges, introspective and underlying. The story is told with doses of sharp humor. It involves feelings between the narrator and the character, establishing an intimate relationship between them, which places



the reader in a sentimental duality. The search for a universal response to the hardships of life leads the reader to look for answers for the character Macabéa. The discussion is extended by analyzing

the mimetic construction of the narrative and its contemporary aspects.

KEYWORDS – Contemporaneity; narrative aspects; modernity.

A hora da estrela: introspecção e subjacência na composição mimética da obra

“Se nada der certo, leia Clarice...”
(AGUALUSA, 2005)

O objetivo deste trabalho é discutir alguns elementos da narrativa contemporânea presentes em um dos romances mais lidos e comentados da escritora Clarice Lispector: **A hora da estrela**. Ao longo do texto, trataremos de alguns aspectos narrativos presentes na obra, refletindo sobre o papel do narrador e sua função diante da construção mimética subjacente da protagonista e seus personagens secundários.

A hora da estrela é um romance modernista, publicado na segunda metade do século XX e considerado pela crítica uma das obras-primas de Clarice Lispector. A escritora resolveu dar um salto em direção a um novo estilo de escrita e, dessa nova aventura de Clarice, nasceu um romance diferente de todos os outros que ela já tinha escrito, pois se tratava de uma narrativa pautada nos percalços da vida real. A obra provoca sensações e busca mexer com o psicológico do leitor, mergulhando-o no

submundo da protagonista, Macabéa, uma pobre criatura que leva uma vida miserável e que, desde a infância, se vê sozinha no mundo.

As desgraças só aumentam a cada página do romance e culminam com a tragédia final: uma morte insignificante, tal qual fora a infeliz existência de Macabéa. A essa altura, o leitor já se pergunta se, talvez, a morte da personagem não seria uma fuga desse mundo que se fez tão cruel e sarcástico com ela. Esse enredo “*via crucis*” leva o leitor a sentir as dores, os anseios, as decepções e as emoções mais sórdidas sofridas pela protagonista:

Sei que há moças que vendem o corpo, única posse real em troca de um bom jantar em vez de um sanduiche de mortadela. Mas a pessoa de quem falarei, mal tem corpo para vender, ninguém a quer, ela é virgem e inócua, não faz falta a ninguém. Aliás-descubro eu, agora- também eu não faço falta a menor falta, e até o que escrevo um outro escreveria. Um outro escritor sim, mas teria que ser um homem porque escritora mulher pode lacrimejar piegas. Como a nordestina, há milhares de moças espalhadas por cortiços. Vagas de cama num quarto, atrás de balcões trabalhando até a estafa. Não notam se quer que são facilmente substituíveis e que tanto existiriam como não existiriam. Poucas se queixam e ao que eu saiba nenhuma



reclama por não saber a quem. Esse quem será que existe? (LISPECTOR, 1998, p. 19-20).

A síntese da vida da personagem apresentada pelo narrador revela uma mulher introspectiva que, ao mesmo tempo, compõe o imaginário coletivo de milhares de moças e rapazes pobres e migrantes, os quais ocupam os espaços à margem na sociedade capitalista. O sonho de conquistar uma vida digna faz com que esses jovens humildes deixem suas terras e partam para grandes centros urbanos à procura de trabalho, melhores condições de vida para si e, em muitos casos, para suas famílias. O narrador do romance de Clarice se apresenta como alguém que conhece muito bem a dinâmica social da vida desses seres invisíveis da sociedade moderna: um narrador onisciente e, ao mesmo tempo, onipresente, que se mostra envolvido emocionalmente com o dilema de Macabéa.

Aspectos narrativos do romance na contemporaneidade: personagens e narrador

O romance, ao logo da história, tem exercido papel fundamental na formação da identidade nacional em razão de seu valor lúdico-estético e também por exercer uma função social de tomada de consciência tanto no plano literário, quanto nos planos sóciogeográfico e político. Esse gênero representa, em seu âmago, a caracterização de elementos pertinentes a uma região, povos ou cultura. Para tanto, o romance

desempenha a função mediadora entre mundo ficcional e realidade social. Para o renomado crítico francês Paul Ricoeur (2012),

as obras de linguagem, em particular as narrativas, revelam-se mediadoras entre um ponto de partida e um ponto de chegada, entre uma determinada configuração de mundo e outra. É nessa mediação que as narrativas produzem um conhecimento do mundo, e ao mesmo tempo participam de sua configuração, em particular de sua dimensão temporal (RICOEUR, 2012, p. 15).

A memória social construída no romance resulta da formação de fenômenos fônicos-linguísticos, de unidades de significação, dos objetos apresentados e do estrato dos aspectos esquematizados para a constituição da narrativa enquanto obra de arte literária. No romance de Lispector, temos a tessitura da trama exposta na construção dos conflitos. A autora representa bem estes elementos, pois, na narrativa, constrói uma gama de conflitos coletivos e pessoais, além de camadas que vão sendo expostas ao longo da história, descortinando a vida social da personagem, como apresentaremos na discussão central deste artigo. Para Benjamim Abdala Junior (1995), o conceito de narrativa não se restringe apenas às formas escritas, uma vez que se apoia em elementos como o tempo, os fatos e as seqüências de acontecimentos. Nas palavras do pesquisador:



pelo fato de se apoiar na temporalidade, isto é, na sucessão dos acontecimentos e na transformação, no decurso do tempo, dos fatos contados, o conceito de narrativa é extensivo, como vimos, ao poema épico e outras formas de literatura. Há também na narrativa no mito, na lenda, na fábula, ou ainda na pintura, no cinema, na história em quadrinhos. Como se observa, existem narrativas não só na forma escrita, mas também na língua oral e nas imagens (ABDALA JUNIOR, 1995, p. 14).

Nesse sentido, Lispector buscou reunir todas essas concepções de narrativas em um único lugar, criando um romance que introduzisse, em sua tessitura mimética, as imagens, os sons, as malandragens, o descaso, a pressa dos centros urbanos e as pessoas que vão e vem na indiferença do dia a dia. Desta forma, a obra, enquanto romance, cumpre seu papel social: ficção que reproduz a vida real. Sobre o conceito de romance, Abdala Junior (1995) também deixou sua contribuição:

o romance é, na prosa de ficção a forma de narrativa mais longa. Em razão desse fato, as categorias fundamentais do gênero (como personagem, espaço, tempo, ação, etc.) aparecem com interconexões bastante elaboradas. Reside justamente nessa extensão (de que resulta maiores interconexões) o fato que vai levar o romance a se distinguir da novela, do conto, e da crônica. Não poderíamos ter uma narrativa mais curta, inclusive contos, com tais interconexões? É o que ocorre com muitas narrativas curtas que apresentam grande elaboração nas categorias do gênero. Críticos importantes, não veem diferença entre romance e novela. Na Inglaterra, na

Itália e na Espanha, por exemplo, o romance é chamado de novela (ABDALA JUNIOR, 1995, p. 14).

O romance passa, nos anos 1970, por algumas mudanças conceituais em sua gênese, e ganha nova roupagem em sua tessitura ao trazer aspectos das narrativas contemporâneas em seus elementos narrativos, fugindo, assim, do tradicional romance do início do modernismo. A literatura passa a ter ares mais engajados com os problemas sociais, mas, acima de tudo, começa a ser uma narrativa envolvente, que expõe os males e os demônios individuais de cada um.

Em nossa leitura, Lispector, em **A hora da Estrela**, cumpre o que Antonio Candido (2011) chama de papel social da literatura, ao atrair o leitor para um mergulho no mundo ficcional da protagonista. Esta é desprovida de todas as ambições do mundo moderno, pois leva uma vida sem grandes emoções, mas, talvez por sua insignificância, consegue extrair do leitor sentimentos íntimos que o fazem se apegar a ela. Entendemos isso como o papel humanizador da literatura:

entendo aqui por humanização (já que tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos



torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 2011, p. 182).

Para o crítico, a literatura tem um compromisso com o social, e o homem é um produto do meio, levado pelas emoções, ações e natureza. Compreende-se que somente através da literatura ele é capaz de entender completamente o universo ao seu redor:

a expressão do exercício de gosto individual, ao se expressar por escrito e se tornar militante, ao se querer percuciente, convincente e hegemônica, deixa de ser apenas um elemento de mediação entre obra e leitor, para se ostentar como atividade francamente didática e política, de onde não se devem excluir as múltiplas possibilidades e convites à polêmica (SANTIAGO, 1994, p. 16).

A afirmação feita por Santiago (1994) remete a um compromisso com o espaço social no qual o sujeito vive. Como em um dado jogo de inter-relações simbólicas, o poeta sofre influências do meio, enquanto sua poesia pode gerar fortes influências na sociedade de sua época. Costumes, políticas e manifestações culturais aproximam a arte do povo e trazem consigo as mais fortes evidências de uma literatura comprometida com o social.

Com **A hora da estrela**, Lispector embarca em um novo projeto na busca por um romance capaz de fazer um desenho intimista de uma personagem que representasse a moça pobre dos anos 1970, vinda do interior. Esse pensamento

a levou a escrever um romance diferente de tudo o que havia escrito até ali. Nesse sentido, a autora cumpre bem o papel do escritor engajado com a coesão social do momento. George Lukács (1968), em **Ensaio sobre a literatura**, traduz esse momento quando afirma:

o contraste entre participar e o observar não é casual, é, pois, deriva da posição de princípio assumida pelo escritor, em face da vida em face dos grandes problemas da sociedade e não do mero emprego de um diverso método de representar determinado conteúdo ou parte de conteúdo (LUKÁCS, 1968, p. 54).

A hora da estrela é o último romance de Clarice Lispector, publicado em 1977, ano de sua morte. Representante da terceira geração modernista, a escritora tece a obra sob uma outra perspectiva, e aborda elementos até então não apresentados em sua produção romanesca. O livro em questão conta a história de uma migrante nordestina que, cansada da vida miserável que levava, decide sair do interior do Alagoas e vai rumo ao centro-sul, especificamente para a cidade do Rio de Janeiro, em busca de uma vida melhor. Órfã desde muito cedo, Macabéa foi criada por uma tia que a castigava por tudo, e parecia sentir prazer em “infernizar” sua pobre vida.

De caráter intimista e introspectivo, **A hora da estrela** traz consigo marcas da contemporaneidade. Além da relação envolvente entre narrador e protagonista, narrador e leitor, leitor e personagens, a obra chama a atenção para problemas



sociais, tais como a questão da migração do nordestino pobre do interior para os grandes centros urbanos, como Rio de Janeiro e São Paulo.

Macabéa: amor e repulsa, intraficcionalidade e intersubjetividade na personagem

Lispector cria um romance com uma pitada de sarcasmo, o que, no contexto contemporâneo, é chamado de “humor ácido”. Esse recurso dá ao público uma protagonista extremamente impotente diante das forças naturais do destino. Macabéa é uma moça desprovida de beleza, com traços tímidos, pobre, vinda do interior, sem estudo e com dificuldade de comunicabilidade. Ela provoca em suas amigas, assim como no narrador e no leitor, um misto de pena e desprezo. Até os seus vícios são dignos de observação:

ela nascera com maus antecedentes e agora parecia uma filha de um não-sei-o-que com ar de se desculpar por ocupar espaço. No espelho distraidamente examinou de perto as manchas no rosto. Em Alagoas chamavam-se “panos”, diziam que vinham do fígado. Disfarçava os panos com grossa camada de pó branco e se ficava meio caiada era melhor que o pardacento. Ela toda era um pouco encardida pois raramente se lavava. De dia usava saia e blusa, de noite dormia de combinação. Uma colega de quarto não sabia como avisar-lhe que seu cheiro era morrinhento. E como não sabia, ficou por isso mesmo, pois tinha medo de ofendê-la. Nada nela era iridescente, embora a pele do rosto entre as manchas tivesse um leve brilho de opala. Mas não importava.

Ninguém olhava para ela na rua, ela era café frio. E assim se passava o tempo para a moça esta (LISPECTOR, 1988, p. 36).

Nossa protagonista não tem consciência de sua existência degradante, nem sabe o porquê da vida que leva. Mesmo nessas condições existenciais, Macabéa tem vontade de ser alguém menos invisível. Ela sofre com um relacionamento abusivo, pois é tratada pelo namorado como um incômodo: “– Você, Macabéa, é um cabelo na sopa. Não dá vontade de comer. Me desculpe se eu lhe ofendi, mas sou sincero. Você está ofendida?” (LISPECTOR, 1998, p. 65). Até seus vícios são degradantes, assim como sua vida: “cachorro quente com Coca-Cola, ouvir um rádio relógio e ficar sozinha conversando diante do espelho” (LISPECTOR, 1998, página).

O desejo de ascender e conquistar seu espaço social só vem a acontecer a Macabéa com a sua com morte. A epifania de moça só se dá diante da cartomante, que revela o que todos já sabiam: que ela tinha uma vida muito sofrida. Até então, a personagem nunca tinha refletido sobre sua condição humana, nunca havia parado para se perguntar quem era e o porquê de ter uma vida como a dela. A inserção da cartomante na narrativa infere o místico na história. A mulher que pode ver o passado e o futuro dá a Macabéa um novo direcionamento: a hora da estrela chegou, mas o destino, mais uma vez, toma as rédeas da vida da personagem. Macabéa perde o emprego, é trocada pelo



namorado e por sua colega de pensão. A protagonista morre atropelada por uma Mercedes, dirigida por um alemão.

Ironicamente, o símbolo da estrela na frente do carro, que faz referência à marca e que, no capitalismo contemporâneo, representa visibilidade e poder, era tudo que Macabéa não tinha. Foi na morte que a hora da personagem brilhar chegou. Havia muita gente ao seu redor: flashes, jornalistas e uma foto sua estampada em todos as crônicas jornalísticas do Rio de Janeiro dos anos 1970. Eis aí uma pitada de sarcasmo e ironia da autora, pois Macabéa teve seu momento de brilho, embora tenha sido no dia de sua morte.

Aspectos narrativos: um narrador autor

Lispector cria uma história, mas prefere não contar essa história. Primeiro vem a indecisão do título da obra, pois pelo menos três títulos foram cogitados. Eis que a autora cria um narrador-escritor, o que dá a obra um caráter de metalinguagem. Rodrigo S.M. é um narrador misto, ora narra em terceira pessoa, ora em primeira (como um dos personagens da obra ficcional enredada por ele mesmo), mas conhece intimamente a vida da protagonista, e guarda em relação a ela um misto de amor e ódio, às vezes pena ou desprezo. O narrador constrói Macabéa de modo a refletir as nuances social e existencial, colocada pela própria vida numa condição de sofrimento e infortúnio, mas que, ao longo do romance, também passa por composições românticas: pinta as

unhas de vermelho, dança na frente do espelho e sonha em ser uma estrela.

Uma obra de caráter intraficcional ou uma metaficção, que tem um autor como narrador, mas não o autor real, um outro autor, ficcional. O que confere à obra características do romance contemporâneo, entre eles, elementos como o conflito, o dramático e a intrasubjetividade. Estes tornam o romance uma narrativa que reflete aspectos filosóficos e existenciais, mas coaduna com uma reflexão sobre os problemas sociais da época.

Literatura: arte, ficção e sociedade

A Literatura como recriação da realidade torna-se instrumento de transformação à medida que começa a romper barreiras impostas pela cultura elitizada e canônica, e passa a ser desenvolvida como elemento cotidiano do sujeito comum, inserido nessa mesma sociedade. Espera-se que o sujeito, ao envolver-se com o mundo da Literatura, possa, junto com outros, realizar uma prática social comum no espaço comunitário. Para entender os grupos sociais, é preciso desvendar o cotidiano, considerar o contexto contraditório no qual está inserido, observar suas manifestações e práticas culturais, entender o modo de vida dos envolvidos. É preciso desconstruir modelos identitários tidos como padrão e reconstruir olhares voltado para o respeito às diferenças. O universo da Literatura deve compreender que essa realidade não é homogênea e nem



uniforme, pelo contrário, mascara relações sociais diferenciadas e rejeições. Torna-se necessário retomar o processo histórico, como já dissemos, o de construção e desconstrução do sujeito social e de muitas identidades.

A ideia não consiste em identificar um período ou outro, e sim desconstruir, perceber que a Literatura, mesmo quando compreendida em sua totalidade, sempre se apresenta como algo inacabado e indeterminado. Sabemos muito bem que um período não se encerra por data: sempre há uma continuidade, embora, talvez, seja necessária a organização para efeito sociopolítico.

A Literatura, como instrumento de transformação, é primordial para a formação de sujeitos críticos e participantes de uma construção social da qual foram historicamente excluídos tanto do direito à cultura, quanto à leitura e à Literatura. É preciso restabelecer o lugar do texto literário no espaço escolar, reestruturar as formas de ensino e leitura para retornar à Literatura como objeto primordial de formação, retirando-a das margens para (re)colocá-la em lugar de destaque, seu lugar por natureza.

É urgente rever pontos relevantes no ensino de Literatura e leitura em sala de aula: é necessário propor um ensino de Literatura que reveja a apresentação estritamente cronológica e dê maior relevância ao viés temático, que contraponha a noção de modelos canônicos como um único formato de leitura literária, e que justaponha autores canônicos e não canônicos, obliquidade esta que vai além dos modelos

convencionais de livros didáticos e teorias que apontam como forma singular de Literatura apenas as obras clássicas oferecidas por meio do currículo interposto nas escolas, deixando de lado toda produção escrita e oral de autores não canônicos, cuja obra compreende contribuição relevante para meio social.

Diante de tais questões, a proposta aqui em discussão consiste em selecionar temas diversificados escolhidos de acordo com a relevância para a realidade da comunidade escolar. Leituras que promovam diálogos diretos do/com o sujeito-leitor, com o texto e comparativismo entre autores de tempos e espaços diferentes, caso haja necessidade. Acrescentar textos de autores afro-brasileiros, indígenas, africanos, amazônicos dentro de uma mesma perspectiva de leitura, lado a lado com autores antológicos. A ideia consiste em um exercício comparatista que possibilita múltiplos olhares para o ensino de Literatura, abrindo espaço para práticas de leituras a partir de olhares coletivos desprovidos de preconceitos literários e culturais. Sobretudo, não se pretende deixar de abordar as escolas literárias e suas cronologias, cada uma com suas peculiaridades ideológicas, mas essa abordagem pode ser feita de maneira secundária, e ocorrer de acordo o tema e suas acepções. O aprofundamento da habilidade de leitura crítica, os espaços para a contestação, o diálogo direto com a leitura deve ser posto em primeiro plano, por meio de debates em sala de aula e momentos reservados à leitura e à



promoção do letramento cultural e literário.

Atualmente, há pouco espaço para a prática de leitura e o ensino de Literatura nos ensinos fundamental e médio. Isso reflete diretamente na falta de leitura e interpretação, as quais não foram estimuladas e, quando são, é feito de maneira superficial, não por culpa do professor, acreditamos, mas sim pela pouca relevância dada ao assunto. Assim, alunos chegam ao ensino médio com pouca ou nenhuma afinidade com a leitura e a Literatura.

As limitações que os sujeitos-alunos possuem quando se trata de Literatura e outras práticas culturais relacionadas, demonstram que a Literatura vai além de conceitos, datas e poemas românticos, como define o professor Barbosa (2009, p. 12), segundo o qual,

a Literatura nunca é apenas literatura, o que lemos como Literatura é sempre mais – é História, Psicologia, Sociologia. Há sempre mais que literatura na literatura. No entanto, esses elementos ou níveis de representação da realidade são dados na literatura pela literatura, pela eficácia da linguagem literária.

Observando a fala do teórico, percebe-se a grande relevância da leitura e da Literatura como norteadora de outras culturas e, também, rompendo com suas próprias barreiras ao adentrar nas demais áreas de conhecimento. A Literatura vai além de conteúdos pedagógicos, escolásticos, cronológicos, políticos e sociais. Ela compreende reflexões sobre os aspectos sociointeracionais do

discurso. O letramento cultural perpassa pelo âmbito da escrita, valoriza as culturas ágrafas e reflete sobre os modos de ver o mundo e da vida em comunidade, danças, memórias, hábitos e modos de sobrevivências. Todas as culturas são modelos de letramentos culturais, embora com estruturas diferenciadas, por isso, indígenas, afro-brasileiros, quilombolas, comunidades de pescadores, ribeirinhos e várias outras comunidades, com características peculiares, devem ser entendidas como espaços de construção identitária formados por elementos que os diferenciam dos demais espaços, por viverem em fronteiras que limitam com o espaço do Outro.

Muitas das culturas são construídas no espaço fronteiriço, como afirma o teórico pós-colonial Homi K. Bhabha (2014), que reconhece o hibridismo como elemento constituinte da linguagem, e portanto, da representação. Segundo ele,

tomando como deixa a instância subalterna "duplamente inscrita", eu poderia argumentar que é a dobradiça dialética entre a nascimento e a morte do sujeito que precisa ser interrogada. Talvez a acusação de que uma política do sujeito resulte em um apocalipse oca e em si uma realização a sondagem pós-estruturalista da noção de negação progressiva – ou a recusa - no pensamento dialético. O subalterno ou o metonímico não são nem vazios nem cheios, nem parte nem todo. Seus processos compensatórios e vicários de significação são uma instigação a tradução social, a produção de algo mais além, que não é apenas a corte ou lacuna do sujeito, mas também a interseção de lugares e disciplinas sociais. Este hibridismo inaugura 0



projetos de pensamento político defrontando-o continuamente com o estratégico e o contingente, com o pensamento que contrabalança seu próprio "não-pensamento". Ele tem de negociar suas metas através de um reconhecimento de objetos diferenciais e níveis discursivos articulados não simplesmente como conteúdo, mas em sua interpelaria como formas de sujeitos textuais ou narrativas - sejam estas governamentais, judiciais ou artísticas. Apesar de seus firmes compromissos, a político deve sempre colocar como problema, ou indagação, a prioridade do lugar de onde ele começara, se não quer que sua autoridade se torne autocrática (BHABHA, 2014, p. 114).

No mesmo texto, Homi K. Bhabha (2014) chama a atenção para o hibridismo nos processos de construção da linguagem, o que implica na impossibilidade de descrever esse discurso ou esse sujeito como autêntico. Desta forma, a representação, conforme o autor, é híbrida, ou seja, construída sobre a fronteira, e possui traços dos dois discursos, construídos sobre as diferenças, e há uma busca pela autenticidade, mas infrutuosa.

Devemos reconstruir o nosso pensamento em relação ao pensamento colonialista que sempre se sobrepôs como dominante nas Amazônias, levando-nos a acreditar na supremacia cultural do colonizado em relação ao colonizador. Essa percepção, aos poucos, vem sendo desconstruída sob a luz de teóricos que aceitaram o desafio de discutir sobre diferenças e diversidade cultural na pós-modernidade. Para tanto, a Literatura emerge como uma erva

daninha nas frestas do real, não apenas como um divertimento, nem tampouco como um saber especializado: trata-se de um instrumento precário e sutil que serve para interrogar a vida, descolando certezas e transformando em incertezas. Ela nos oferece perguntas ao invés de respostas, questionamentos esses, em sua grande parte, desagradáveis e perturbadores que nos acompanham por dias, meses e, às vezes, por anos ou para uma vida inteira. A Literatura transforma, muda conceitos, nos faz mergulhar no desassossego das personagens. Sairá atordoado e transformado aquele que lê, se tornará um outro homem, embora no mesmo corpo, mas jamais com a mesma alma.

Considerações finais

O narrador de **A hora da estrela**, assim como a protagonista, se mostra uma figura cômica. Como um autor-narrador-personagem, ele tem uma dimensão onisciente na vida de Macabéa e, em razão disso, ele sofre e se diverte com o infortúnio da personagem. Um enredo subjacente coloca a história em dois planos: no primeiro deles, a história de Macabéa; enquanto no segundo plano está a história de Rodrigo S.M, quando conta as vivências de Macabéa. Intimismo e social perpassam a obra retratada no cenário urbano carioca dos anos 1970.

O romance apresenta aspectos da narrativa contemporânea do final da segunda metade do século XX., tais como o humor ácido, evidenciado, por exemplo, pelo título cômico que se

LUMEN ET VIRTUS
REVISTA INTERDISCIPLINAR
DE CULTURA E IMAGEM

VOL. XV N° 37 JANEIRO-JUNHO/2024
ISSN 2177-2789



relaciona com a morte da protagonista; o monólogo interior que se torna sua válvula de escape para as asperezas da vida; e essa sondagem psicológica que acompanha toda a história, assim como o intertexto presente em alguns momentos do texto. Podemos dizer que a obra carrega consigo uma crítica à invisibilidade social, mas a protagonista,

apenas em sua epifania, em “flash” de consciência, perceberá o quão medíocre fora sua existência no complexo “ser” da vida social. Embora tenha sofrido muito, Macabéa não tivera consciência disso. . Agora já nem existiria mais e, provavelmente, como disse o autor-narrador: “ninguém sentirá sua falta” (LISPECTOR, 1998, p. 86).



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUALUSA, José Eduardo: **Manual prático de levitação**. Rio de Janeiro: Gryphus Editora, 2005.

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. **A teoria do romance**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini *et al.* São Paulo: UNESP, HUCITEC, 1990.

BARBOSA, João Alexandre. Entrevista do Professor João Alexandre Barbosa, in **Linha D'Água**, n. 9, p. 3-22, 1995. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/37148>. Acesso em: jul. 2018.

CANDIDO, Antonio. **A formação da literatura brasileira**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2000.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LUKÁCS, G. **A teoria do romance**. Tradução de José Marcos Mariano de Macedo. São Paulo: Editora 34, 2000.

LUKÁCS, G. **Alma e as formas**. Tradução de Rainer Patriota. São Paulo: Autêntica, 2015.

RICOEUR, Paul. As aporias da experiência do tempo. In: RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tradução de Constança Marcondes Cesar. Campinas: Papirus, 1994. p. 19- 54.

ⁱ Doutorando do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria. Estudos Literários- Literatura, Comparatismo e Crítica Social.